

## O DUPLO EM DOIS MANGÁS PARA MULHERES: NANA E GARASU NO KAMEN

**Raissa A. YUKAWA<sup>1</sup>; Adriana F. LEMOS<sup>2</sup>; Celso H. S. BAPTISTI<sup>3</sup>;**

### RESUMO

Trata-se de um relato de pesquisa. A hipótese sugerida é de que os mangás que lemos trazem informações de mundo importantes acerca do feminino enquanto sujeito histórico e que são objetos de leitura que trazem concepções sobre mulheres que podem ser exploradas nos estudos culturais que temos desenvolvido no grupo de pesquisa Literatura, Ficção e Materialidade. Apesar de ter vendido mais de 50 milhões de cópias ao redor do mundo, *Garasu no Kamen* (1976 -) ainda não tem adaptação para o português. Já *NANA* (2000 -) ganhou prêmios – a exemplo do Shogakukan Manga Award. Nossa pesquisa tem como objetivo, por meio de análise da textualidade-visual dos mangás e de referencial bibliográfico, estudar as duas obras, verificando o conceito de duplo. O texto trará ainda uma brevíssima revisão bibliográfica acerca do feminino de 1970 até a contemporaneidade no Japão, tendo por viés o duplo, além de estabelecer um recorte de natureza diacrônica sobre o feminino histórico projetado em ambos mangás.

#### Palavras-chave:

Feminino; Leitura; Literatura.

### 1. INTRODUÇÃO

A maneira como entendemos este texto e sua visualidade se encaixa na perspectiva de estudos chartierianos sobre textualidade e sentido. Assim, compreendemos as obras que estudaremos aqui em duas vertentes: tanto textos-sentidos apenas possíveis dentro de suas materialidades, quanto textos que dão a ver parte da cultura e da história do feminino em um lugar no mundo. Parte do nosso trabalho entende, portanto, os mangás que abordaremos como narrativas e como retrato histórico e cultural do feminino. O que primeiro tomamos de Roger Chartier é a ideia de que os textos que lemos não são abstrações das materialidades das quais pertencem, pelo contrário, as materialidades são parte da textualidade. Ao estudarmos os mangás escolhidos, os lemos em toda sua estrutura gráfica para, dessa maneira, “associar, numa mesma análise, os papéis atribuídos ao escrito, as formas e suportes da escrita e as maneiras de ler” (Chartier, 2010, p. 8). As imagens, as cores, a tela - ou o papel impresso em quadrinhos, todos os “papéis atribuídos ao escrito” serão levados em consideração ao estudarmos os mangás *Garasu no Kamen* (1976 -) e *NANA* (2000 -).

A noção do duplo na literatura e nas artes em geral – em também filmes e jogos, por exemplo – é uma forma de abordagem que consideramos válida para a introdução para a análise dos dois mangás aqui trabalhados. A recente dissertação de mestrado de Breno Monteiro Bruno (2024), por exemplo, observa o duplo na literatura e na adaptação cinematográfica de livros como um fio

<sup>1</sup> **Bolsista de iniciação científica IFSULDEMINAS – Campus Pouso Alegre. E-mail:**  
**raissayukawa@gmail.com**

<sup>2</sup> **Orientadora IFSULDEMINAS – Campus Pouso Alegre. E-mail:**  
**adriana.falqueto@ifsuldeminas.edu.br**

<sup>3</sup> **Co-orientador, Universidade Federal do Paraná. E-mail:**  
**celsobaptis@gmail.com.**

condutor de certas narrativas, situação pela qual, como veremos posteriormente, também é aquela que utilizaremos para avaliar *Nana e Garasu no Kamen*.

A literatura conta, desde a Antiguidade, com a ideia do desdobramento do indivíduo e com as miragens que a pessoa duplicada pode trazer. Primeiramente, porque os deuses das religiões mediterrânicas poderiam tomar a forma dos mortais que quisessem, desdobrando a imagem da figura inicial pelo aparecimento do nome de mesmo semblante, ainda que não de mesma essência, como vemos na comédia de Plauto, chamada *Amphitruo (O anfitrião)*, datada em III a.C. Nesta, é o próprio Zeus que assume a imagem do general Anfitrião de Tebas para que tomasse a mulher do guerreiro em conúbio. Portanto, vemos um deus utilizando de um artifício que pode ser lido como um duplo. Ainda anterior é a peça *Helena*, de Eurípides, que entende que a Helena, roubada por Páris por favor de Afrodite e levada à Tróia, não era a mulher original, esta escondida no Egito, porém, um simulacro, logo, uma espécie de duplo. Esta noção de duplo, mais próxima de nossa sensibilidade contemporânea, também pode ser buscada como uma antecessora paradigmática para imaginar o estabelecimento do duplo em *Nana e Garasu no Kamen*.

Ao percebermos como o duplo existe como um elemento literário amplamente utilizado no transcurso da história sob a roupagem dos mais diversos gêneros literários – e, portanto, com suas formas e demandas específicas ao gênero –, é possível também observar o mesmo recorte nos mangás objetos deste trabalho, porém, em intersecção das demandas de nossa época, a exemplo das questões de gênero. Vejamos, assim, como se desenvolvem os aspectos do feminino no Japão e seus impactos na produção das artes. Para fins de realizar a análise das narrativas e a figura do duplo, é interessante que entendamos a mulher e o feminino no Japão. Doutrinas como budismo e o confucionismo sustentavam a ideia de que o feminino era inherentemente impuro e inferior, e que, por causa de uma desordem natural, as mulheres precisariam da orientação masculina para alcançar a salvação. Segundo as pesquisadoras Melanie Belarmino e Melinda R. Roberts, no artigo “*Japanese Gender Role Expectations and Attitudes: A Qualitative Analysis of Gender Inequality*”, “a desigualdade de gênero resulta de sociedades patriarcais de longa data”<sup>4</sup> (2019, p. 272). É consenso que ser uma mulher moderna no Japão envolve grandes desafios, uma vez que elas precisam conciliar valores individuais, normas tradicionais e expectativas coletivas (Belarmino; Roberts, 2019, p. 274). O que se observa é a negação da autonomia feminina na definição do que é ser mulher. Em vez de ser uma construção elaborada pelas próprias mulheres, o feminino passa a ser moldado a partir da perspectiva masculina. Este processo retira das mulheres sua capacidade de agir e define sua existência com base nas expectativas impostas pelos homens. Assim, elas são reduzidas, mais uma vez, à função de agradar. Sob essa lógica, a mulher deixa de existir por si mesma e passa a existir em relação ao outro — enquanto os homens são vistos como indivíduos

---

<sup>4</sup> Todas as traduções são de nossa autoria, caso não haja indicação contrária na bibliografia consultada.

plenos, as mulheres são simplesmente “mulheres”<sup>5</sup>. O duplo pode ser lido, assim, como possibilidade de atuação na vida, tendo a mulher que escolher qual vida poderia viver – aquela que trabalha e vive a vida profissional, ou aquela que vive como a esposa, cuidando da família.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Lemos, a princípio, os textos de Roger Chartier a respeito do estudo da leitura das imagens e dos textos, conforme o estudo da materialidade para depois leremos o texto de Melanie Belarmino e Melinda R. Roberts, a respeito da mulher no Japão e as discussões sobre o duplo. A partir dessa fundamentação teórica, lemos os mangás para tecermos diálogos e encontrarmos os duplos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Garasu no Kamen*, a diferença das duas personagens não se dá apenas no plano das personalidades, mas também se opera em todo o contexto sociocultural, uma vez que Maya trabalha e estuda sem receber elogios de sua mãe. Ayumi, do outro lado, é sempre elogiada, está melhorando suas qualidades e tem uma vida de luxo já dentro do mundo do teatro. Tudo o que Maya tem para competir com ela é o desejo de ser uma grande atriz e seu talento de memorizar cenas inteiras. Em *NANA*, Ai Yazawa apresenta duas protagonistas que, embora sigam caminhos muito diferentes, compartilham dores, desejos e carências. A amizade entre essas duas jovens é o fio condutor da obra. Além disso, a história trata de temáticas que poderiam acontecer com qualquer mulher: o término de um relacionamento amoroso, o medo da solidão, uma gravidez não planejada e os desafios da vida adulta. A autora mostra que tanto o desejo de formar uma família, quanto o de ser uma cantora de sucesso são válidos, e que nenhum desses sonhos diminuem o valor do outro.

## 4. CONCLUSÃO

A respeito da materialidade, nota-se a qualidade da representação da casa de Ayumi em comparação com o restaurante de Maya. A casa da jovem atriz é desenhada em detalhes e conta com piso com padrão trabalhado, móveis, cristaleira, um *bay window* (sofá com janela), piano adornado e tapete de pele, enquanto o restaurante não aparece mobiliado ou com qualquer detalhamento. A cena de entrada de ambas é bastante diferente. De um lado a mãe grita com a menina, e Maya precisa sair do restaurante para fazer entregas. Do outro lado, Ayumi está tocando, e os pais estão em silêncio, apreciando a música. O ambiente é requintado e as pessoas parecem estar em paz. A diferença de ambiente entre as personagens é palpável. Ocorre que Maya sente que precisa ganhar os papéis, já que tudo o que tem no mundo é seu talento – e que sem ele fracassará,

<sup>5</sup> Trata-se de brevíssima revisão bibliográfica, pois não há espaço neste texto para que possamos nos debruçar sobre o que foi lido. Para a discussão inteira, sugerimos a leitura do texto “O duplo em dois mangás para mulheres: *NANA* e *Garasu no kamen*” a ser publicado na revista *Convergências: estudo em Humanidades Digitais*.

ao passo que Ayumi precisa provar que tem talento, porque sem o mesmo também se sentirá fracassada enquanto atriz. Essa disputa entre ambas será o fio condutor da narrativa, que, ao ser lida sob a ótica do duplo, transforma a dinâmica nos dois lados da moeda: o que vale mais, a nutrição ou a natureza? Nas cenas em que os laços familiares são retratados, Nana Osaki quase não aparece desenhada, pois o traço é tão apagado pela neve que é como uma memória longínqua que mal se sustenta no campo do visível. Nada tem cor, nada tem peso, apenas uma tristeza paira no branco entre os traços pouco distintos no papel, e essa diferença se traduz materialmente por meio de traços pesados que fazem com que a imagem da família de Hachi seja presente e real. As pessoas estão sorrindo, bebericam drinques e conversam entre si despreocupadamente. O que, a princípio, é um duplo que causa estranhamento em Nana Ozaki, a experiência de estar ao lado de alguém tão diferente se torna uma oportunidade de ser diferente também. Osaki é capaz de criar músicas, Komatsu é amorosa e gentil. O feminino se instala no estudo desses duplos, pois não podemos mesmo viver todas as vidas em uma só, precisamos fazer escolhas. Seja viver com a mãe e trabalhar, seja largar a família para viver um relacionamento, seja tentar viver do talento, seja querer provar que se tem talento, todas essas mulheres existem, são reais e possíveis. Criar personagens tão diferentes entre si e que são possibilidades de ser feminino em carreiras, e que estão, cada uma a sua maneira, em diferentes polos é importante tanto para essas mulheres escritoras, ao demonstrarem e inventarem diferentes feminilidades, quanto para as leitoras, que podem ter diferentes perspectivas e inventar seu próprio feminino.

## REFERÊNCIAS

- BELARMINO, Melanie; MELINDA, Roberts R. “Japanese Gender Role Expectations and Attitudes: A Qualitative Analysis of Gender Inequality.” *Journal of international women's studies*, 20 (2019): 272-288.
- BRUNO, Breno Monteiro. *O duplo na literatura: o duplo na literatura*. Dissertação (mestrado em estudos da linguagem). Universidade Federal Fluminense, UFF. Niterói, 2024.
- CHARTIER, Roger (2002). *A História Cultural – entre práticas e representações*. DIFEL.
- CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 mai. 2025.
- DOSTOIÉVSKI. Fiodor. *O duplo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013.
- MIUCHI, Suzue. *Garasu no Kamen*. 1ª edição. Japão, Tankōbon, volume 1-49, 1976-2012.
- TRAJANO, Vieira. Helena e seu duplo. In: EURÍPIDES. *Helena*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- YAZAWA, Ai. *NANA*. 1ª Edição, Japão, Tankōbon, volume 1-21, 2000-2009.